

O agronegócio é o seguinte

A caminho da COP-15

COMO ERA de se esperar nos dias de hoje, uma parcela importante do agronegócio se mobiliza em torno da reunião da Conferência das Partes, da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, conhecida como COP-15, em Copenhague, na Dinamarca, em dezembro próximo. As iniciativas ocorrem em diversas áreas do setor privado. Essa constatação revela um lado positivo, de atitude pró-ativa e não apenas meramente passiva, como era comum em passado recente. Uma alteração significativa de comportamento.

A COP-15 pode até não trazer resultado retumbante e frustrar a expectativa das pessoas. Uma situação dessa estaria longe de ser uma surpresa se tomarmos por base, por exemplo, a situação dramática de estagnação em que se encontra a Rodada de Doha, da Organização Mundial do Comércio, iniciada no início deste século. Mas, de qualquer forma, vale apostar que o apelo das mudanças climáticas e o aquecimento global sensibilizam cada vez com maior força a opinião pública. Daí, como alguma resposta precisa ser dada pelas lideranças mundiais, o evento não tende a passar em brancas nuvens.

As queimadas e os desmatamentos, em particular no bioma amazônico, mancham a imagem internacional do Brasil. O agronegócio nacional, por razões óbvias, não sai incólume desse processo. O posicionamento em torno da moratória da soja, que acaba de chegar também à pecuária, é uma das boas lições que se extraem das discussões. Faz parte da estratégia colocar uma questão delicada na mesa de trabalho para encontrar uma decisão mais consensual e democrática. Fugir do manequismo.

É com esse propósito que a Abag realizou seu 15º Fórum no *campus* da Esalq. Lá estiveram reunidas personalidades ligadas ao governo, sistema produtivo, às ONGs e à academia. Uma composição democrática para tratar de expectativas diferentes em torno dos desdobramentos da COP-15. Interessante é que todos enxergam oportunidades para o Brasil no campo da biomassa ante a nova economia mundial emergente de baixo carbono. Mecanismos de financiamentos de serviços ambientais junto com as inovações tecnológicas no processo de produção da agricultura são caminhos para o país melhorar o balanço dos gases de efeito estufa (GEEs).

No mês de seu aniversário, a Organização de Alimentação e Nutrição das Nações Unidas (FAO) traça as pro-

jeções para as necessidades de alimentos para o cenário de 2050. Os desafios a serem superados são enormes e os países, principalmente da África, são aqueles com maior risco do flagelo da fome e da desnutrição. A recente alta nos preços dos alimentos aumentou sobremaneira o contingente populacional de famintos no mundo. Esse resultado decepciona diante das projeções traçadas pela FAO para o começo deste século.

Na ótica do fracasso da Rodada de Doha e das metas não conquistadas pela FAO na questão da fome, a responsabilidade de sair uma proposta mais pragmática na COP-15 cresce. Os países estão numa cruzada para dar ao mundo maior abertura comercial, reduzir a fome e tratar da mudança climática. Em suma, o comprometimento com a sustentabilidade, em termos do equilíbrio entre a produção econômica, a responsabilidade social e o meio ambiente. O tempo passa e é preciso achar os espaços para encontrar a solução.

Nesta edição **Agroanalysis** traz também um caderno especial sobre o agronegócio do café. Os cafeicultores exigem maior participação na renda gerada ao longo da cadeia produtiva, que oscila entre 7% a 15% em todo o globo. É muito pouco. A Organização Internacional do Café (OIC), com o fim de suas cláusulas econômicas e o sistema de cotas, não mais achou o seu papel estratégico no contexto de liberalização dos mercados. A competição entre os países cresceu de forma intensa e predatória.

Com o descasamento entre o custo e a remuneração da produção de café, vieram o prejuízo econômico e o endividamento dos cafeicultores. Por sua vez, a pressão dos certificadores onera o setor produtivo, enquanto os estoques agora estão na mãos dos importadores. Diante dessas ameaças sobre a cafeicultura, começaram em setembro último, na reunião da OIC em Londres, os trabalhos para montar o Plano de Ação Estratégico para o Período 2009/2014.

Os carros *flex* começam a alterar a relação de preços entre o álcool e a gasolina. A **Agroanalysis** não poderia ficar sem abordar esse tema.

Também não pode deixar de ser comentada a taxa de 2% sobre a entrada de capitais especulativos. Afinal, o objetivo é mexer no câmbio, que atualmente é o item mais sensível para o setor agropecuário. ■